

RESENHA: MAFFESOLI, MICHEL. O RITMO DA VIDA: variações sobre o imaginário pós-moderno. Rio de Janeiro: Record, 2007, 223 p.

Tulio Barbosa
Professor da Universidade Federal de Uberlândia – Campus Santa Mônica
Instituto de Geografia
tulio@ig.ufu.br

Trata-se de um livro necessário, visto que suas provocações teóricas quanto ao cotidiano do homem ocidental nos atingem diretamente e nos desnudam pondo em xeque o nosso *modus vivendi*. Originalmente lançado na França com o título: “*Le rythme de La vie*” pela Éditions de La Table Ronde no ano de 2004. O livro é composto por quatro partes (I – Uma sensibilidade primitiva; II – A comunidade localizada; III – Do eu ao Self; IV – Apresentação das coisas), prefácio e índice onomástico. O prefácio é um grito a liberdade, a capacidade em organizarmos o mundo por meio da compreensão do mesmo e um alerta quanto ao perigo limitador da imposição do “mundo” sobre nós, aponta o perigo das verdades eternas, dogmatizadas nas ciências, na religião, na política e nos meios de comunicação.

Quanto à primeira parte (Uma sensibilidade primitiva) a mesma é composta por 3 pontos: 1 – A arte da repetição; 2 – O presente progressivo e 3 – O triunfo da vida; assim, Maffesoli direciona seu pensamento para a desconstrução do que entendemos ser humano. No ponto inicial deste capítulo o autor destaca a repetição como ponto central da nossa formação e constituição social, para o autor giramos sempre em torno de uma questão. Vivemos cotidianamente inúmeras situações, porém nosso norteador é a questão que nos persegue, para os pintores a cor, a forma; para os poetas as rimas, o ritmo; para os atores a atuação. Repetimos diariamente uma questão e isso é obsessão, ao transferirmos para o capitalismo este nos impõe o único tema e problema: dinheiro, ganhar dinheiro. O capitalismo é uma obsessão, um dogma social que compõe outros dogmas como políticos, culturais, econômicos e tecnológicos.

No segundo ponto da primeira parte Maffesoli compara a sociedade a um mosaico, porém tal mosaico é formado por um padrão, conseqüentemente, essas combinações levam os homens a um estranhamento de seu próprio cotidiano, uma vez que os mesmos são direcionados por uma semicultura midiática que substituí o valor da vida pelo valor de utilidade. A mídia é uma entidade poderosa, construtora do imaginário e de realidades fantasmagóricas, fazendo com que os seres humanos fiquem amordaçados e engessados num padrão de pensar, de agir e até mesmo de sonhar, portanto, o autor permite-nos entender o

padrão do pensamento ocidental a partir das amarras ideológicas que confeccionam vidas sem projetos assistidas pela fantasia e pelo fantástico.

O viver sem projeto não é um viver individual, trata-se de um viver social, isto é, uma vida social sem projeto, uma sociedade que substituiu o valor da vida pelo valor de utilidade; assim, Maffesoli destaca que o vínculo social não é ligado a uma razão cerebral, pois é ligado a um vínculo carnal com predominância do viver o instante por meio da mera repetição e vivência instintiva, ou seja, a razão é substituída pelo instinto, mas não somente o instinto da selvageria soma-se o instinto construído ou realçado por meio da fantasia social. Existimos socialmente, portanto, é necessário equacionarmos nossa vivência em sociedade, repensarmos nossos mitos, fantasias e fantasmas para construirmos um projeto de vida social. No ponto “O triunfo da vida” Maffesoli afirma que a vida não se fragmenta e que apesar de todos os pontos levantados anteriormente o ser humano volta a ter um apetite pela vida, desfrutando das coisas, neste sentido o autor enumera o caminho da pós-modernidade como uma sinergia entre o arcaico e o desenvolvimento tecnológico, com destaque para o imediato, para o *carpe diem*, com prevalência da omissão crítica: “O imaginário social tende a privilegiar uma relação mais serena com o mundo em suas diferentes manifestações”. (p. 55).

A segunda parte do livro é composta por quatro pontos (1 – Uma ética não verbal; 2- A consciência objetiva; 3 – Julgamento de um senso comum; 4 – Da fissão a fusão). No primeiro ponto o autor discorre quanto à necessidade de nos afastarmos das evidências habituais que nos são mostradas e que nos direcionam socialmente, pois segundo Maffesoli o pensar sempre esteve voltado para as pessoas que fazem perguntas, isto é, o pensar crítico e curioso fomenta nos indivíduos uma nova disposição intelectual que permitem aos mesmos pensarem além do momento e refletirem além do presente.

O momento atual é caracterizado por uma ética não verbal, o concreto e a forma são mediadores da verdade; assim: “A beleza e a feiúra, nessa perspectiva, não obedecem mais a um cânone único e universal, mas constituem a ossatura de um vigoroso sentimento de pertencer” (p. 64), ou seja, a mediação estética é congruente a ética, as ações são intermediadas pelas formas e o conteúdo terá validade a partir da relação positiva e aceita socialmente quanto à forma - uma espécie de correspondente espiritual entre o que é e o que representa ser. O autor frisou o retorno das pessoas ao regionalismo, ao reinvestimento do espaço e a prevalência do espaço sobre a História a partir das particularidades individuais revelada pela memória do sujeito intermediada pelas relações sociais.

O retorno ao espaço invoca o retorno ao passado limitado pelos aspectos geográficos, todavia na atualidade estes obstáculos foram superados pelas tecnológicas do transporte, logo este retorno é na verdade a busca por um pertencer, a procura por um lugar sobre a face da Terra, não de qualquer lugar, mas de um lugar em que o sujeito pertença integralmente, uma espécie de religião. Maffesoli entende estas características de retorno como pós-modernidade, ou seja, o retorno antes da modernidade. O problema é que o pertencimento não é espontâneo, o lugar do sujeito não surge de apenas de suas memórias, visto que o mundo é lançado sobre os sujeitos por meio das imagens e dos valores criado. “Devemos entender por isto um mundo no qual a imagem, o símbolo ou, para resumir, tudo o que é considerado “irreal” ocupam lugar privilegiado” (p. 68). No segundo ponto o autor aponta a consciência objetiva como estrutura da pós-modernidade, isto é, o ser consciente é o ser impessoal que frisa sempre o individualismo – neste caso inexistente –, todavia não se trata de um ser individual, visto que o mesmo é resultado do desejo do grupo, um ideal comunitário que muitas vezes é servido pelos ideais fantasmas e fantásticos da irrealidade.

Quanto ao ponto o “Julgamento de um senso comum” o autor enumera as razões que contribuem para afastar as fantasias do senso comum, já que o senso comum, pregado pela intelectualidade, não passa de irrealidade; assim, podemos afirmar que esse pensamento é na verdade uma dogmatização proveniente do conhecimento científico. O senso comum não é irreal, ele existe enquanto conjunto numa espécie de participação interativa e processual dos indivíduos com o mitológico por meio da emoção, completamente distinta da contratualidade racional exigida pelo pensamento científico, todavia esse fator mítico é na verdade a metáfora da realidade revelada pelas emoções, pelos fantasmas e pelos mitos do cotidiano social. Referente “Da fissão a fusão” Maffesoli aponta a “[...] ontogênese de tendência oriental opondo-se à ontologia ocidental” (p. 97), através da idéia da fragmentação da crença no Uno formando pequenos grupos religiosos ou seitas. O cotidiano social é constituído pelo senso comum com suas forças fantasmas, na pós-modernidade isso foi acentuado, já que o sujeito crê ser individual, quando na verdade o mesmo faz parte de uma massa, de um grupo direcionador de seu modo de vida, de suas crenças e até mesmo de seus sonhos – o sujeito é múltiplo, obrigatoriamente. O sujeito, na contemporaneidade, encontra perigo em todos os lugares, ele mesmo não tem certeza sobre si e encontra-se no mundo estranhando o mesmo e a si, o mundo parece-nos um sonho, uma fábula de efeitos reais direcionada pelas imagens de uma semicultura.

A terceira parte (Do eu ao self) é composta por seis pontos: 1 – Osmose com o outro; 2 – O enraizamento dinâmico; 3 – A psique objetiva; 4 – Subjetividade de massa; 5 – No coração do patético; 6 – Lógica da sombra. No primeiro ponto Maffesoli sublinha os tempos atuais e revela-os como tempos da impessoalidade, já que o estranhamento ocorre e afasta os indivíduos, simultaneamente estes mesmos indivíduos pensam o mundo a partir de sua imaginação, de suas memórias construídas por experiências que nunca viveram – memórias construídas pelas semicultura midiática, um arquétipo estruturado e estruturante pelo inconsciente coletivo, isto é, o eu perde-se no oceano da pluralidade, mas se encontra quando suas características sociais, econômicas, políticas e religiosas são compatíveis com os outros. O eu (enquanto sujeito) nunca foi um ser autônomo, pois o homem busca sempre viver socialmente, como se desejasse fazer parte de uma alma comum. Quanto ao “O enraizamento dinâmico” o autor trabalha com os conceitos de individualidade e relatividade social, para o mesmo a realidade é em essência a capacidade de relação do indivíduo com o todo. “A consciência individual só existe em função de uma herança sociocultural que, de sua parte, é transindividual”. (p. 114). Trata-se de uma vivência prática, tendo como objetividade os fundamentos sociais que possibilitam uma espécie de Geografia da memória social, a qual permite a relação entre os seres, os objetos e as idéias do passado que permitem viver o presente. Já na “Psique objetiva” Maffesoli entende a mesma como espírito coletivo ligado a uma cultura, a um enraizamento que promove a dinâmica do ser no mundo, uma rememoração da cultura por meio do sentimento e da necessidade de estar junto, de pertencer a uma cultura que direciona os indivíduos objetivamente e subjetivamente – resultando no indivíduo que se “torna-a-si-mesmo” ou poderíamos dizer que se afirma culturalmente. Na “Subjetividade de massa” há o relacionamento das figuras míticas com a vida cotidiana “[...] tornando o eu no mínimo incongruente” (p. 133), pois a adesão a esses mitos coletivos permitem a correspondência entre a identidade e a identificação dos sujeitos no mundo tornando visível o invisível por meio do sentido comunitário, todavia tais sentidos são incongruentes para aqueles que não compactuam de certos valores. A volta do ideal comunitário é descrito “No coração do patético” que tem como centralidade a discussão quanto ao individualismo e sua inconstância no mundo pós-moderno, já que o mesmo é direcionado para uma renovação comunitária comprometida com a verdade comum – lei da imitação-, seja mítica, fantástica ou fantasmagórica. Na “Lógica da sombra” o autor destaca mais uma vez o “estar-junto” condensado pelo imaginário social, regado pela eficácia simbólica estruturada por uma elite, seja econômica, política ou cultural. Neste sentido o

“tornar-a-si-mesmo” é na verdade o “ser-para-o-outro”. A última parte do livro é dividida em: 1 – As formas do fundo; 2 – Excurso sobre o advento; 3 – O caminho da experiência; 4 – Abertura. Quanto ao primeiro ponto Maffesoli destaca a não tolerância ocidental com o vácuo, ou seja, tudo tem uma explicação, tudo é direcionado para algo, trata-se de uma base social fundada nas aparências e que tem como centralidade a ocupação total do espaço público, da memória e do imaginário por imagens que reanima a realidade segundo seus ritmos e necessidades estruturadas. No “Excurso sobre o advento” a preocupação é com a determinação da realidade pela irrealidade, as idéias são quase que autônomas e isso as torna eficientes subtraindo dos homens sua autonomia, as imagens condenam os mesmos a adorá-las e segui-las. Neste ritmo o próximo ponto aborda a nossa tentativa cotidiana em ter o sentimento de pertencimento a um lugar, mesmo que esse lugar seja apenas imaginário – formado pelas centenas de imagens diárias que nos chegam. Apenas as experiências podem nos aproximar de um grupo e nos fazer pertencer ao mesmo, todavia esta estética moralizante não é necessariamente real, as experiências reais podem partir da irrealidade, de um mundo fantasia, porém para aqueles que pertencem a esse mundo ele é muito real e suas experiências cotidianas confirmam ou desmentem tal mundo. Na última parte a ciência aparece como formuladora do pensamento justo, dando significados coerentes ao que parece absurdo, direcionando dialeticamente as experiências pessoais e sociais para uma significação de mundo. Maffesoli provoca-nos o tempo todo nesta leitura, faz-nos ir além do aqui e do agora, lançando aos leitores o sentimento de pertencimento a uma vida em construção e um mundo que precisa de reformas.